Master Negative
Storage Number

OCI00047.21

Malicia e maldade das mulheres

[Porto]

[189-?]

Reel: 47 Title: 21

LIVRARIA POPULAR

N.º 26

MALICIA E MALDADE DAS MULHERES

E

A MALICIA DOS HOMENS

OBRA NOVAMENTE FEITA

Na qual se tratam muitas sentenças e authoridades ácerca da malicia que ha em algumas d'ellas; e assim trata como duas mulheres enganaram seus maridos graciosamente, e dois maridos enganaram tambem suas mulheres



Vende-se na Livraria Civilisação, de Eduardo da Costa Santos
4—RUA DE SANTO ILDEFONSO—6

Todos os exemplares que não tiverem o *fac-simile* da nossa assignatura são falsos.

Liborio Jr. de Mag.

A MALICIA DAS MULHERES

Senhor, o vosso conselho
Tão conforme ao meu desejo,
Sempre por elle me rejo,
Porque elle é um espelho
Em que continuo me vejo.

Desejo de me casar,
Para tomar meu estado:
Mas temo de ser casado,
Porque os vejo queixar,
E viver em gran cuidado.

Bem sei que esse é o demonio
Que faz aos nascidos guerra:
Eu temo o peso que encerra
A carga do matrimonio,
Que dará commigo em terra.

Em as leis podereis lêr,
Assim o dizem os antigos,
Se n'ellas o quereis vêr,
Que tem trabalhos, e perigos
Quem tem filhos e mulher.

Marco Aurelio afamado,
Fallando dos casamentos,
Dizia em Roma ao senado:
Seis annos que fui casado
Me parecem seiscentos.

Trinta e seis que fui solteiro
Me pareceram seis dias;
Meu amigo verdadeiro,
E' mui grande martyrio
Casar por todas as vias.

E' decreto singular,
Diz o douto mui sabido,
Não combate tanto o mar
As naus no seu navegar,
Como a mulher ao marido.

Se os navegantes, coitados,
Vêem o perigo correr,
Mais é muito o dos casados
Com os filhos e mulher,
Com a fazenda e criados.

E' cousa mui perigosa
Guardar joia tão presada,
Porque a mulher casada,
Maiormente se é formosa,
E' de muitos desejada.

E' forçado que a vejam,
Que se não póde encerrar;
Se n'isto quereis olhar,
Cousa que muitos desejam
E' muito má de guardar.

Se é feia está sabido
Que tem vida mui penosa;
Porque pede ao marido
Cada dia um vestido
P'ra que pareça formosa.

Se vê trazer um calçado,
Ou um vestido á visinha,
E' o coitado esfolado;
Porque logo mui azinha
Outro lhe ha de ser dado.

Querem mais do que convem,
D'onde mostram sua mingua;
Deshonram a quantos veem;
Então dizem que não teem
Outra arma senão a lingua.

Ellas buscam arruidos
Sempre á ceia e ao jantar,
Nunca cessam de bradar,
Posto saibam que os maridos
Por isso as hão de matar.

Não as castiga o parir,
Nem tão pouco o criar,
Para as poder emendar;
A tudo querem acudir,
Em tudo querem mandar.

Não sei quem casar se quer
Em este mundo d'agora,
Pois sabe quem tem saber,
Que se muda a mulher
Trinta vezes cada hora.

Quando o Tejo não tiver
Agua, e tudo se seccar,
Nem no mar peixes houver,
Então faltará á mulher
Malicia para enganar.

Eva enganou Adão,
Creando mundanos prazeres,
E por essa tal razão,
Quem se confia em mulheres
Tem o engano na mão.

E se quizerdes saber
Sua maldade notoria,
Escutai-me esta historia,
Que agora quero dizer,
Que é para ter na memoria.

Duas comadres damninhas
Moravam em certos logares,
Tão amigas de folgares,
Como de comer gallinhas,
E outros gostosos manjares.

Vieram-se a ajuntar
Uma Paschoa, e foi esta,
E por lhe fazer mais festa,
Pozeram-se a merendar,
Depois de dormir a sesta.

Varios manjares comiam
De coisas mui curiosas,
E as comadres famosas
A cada passo bebiam
Porque estavam sequiosas.

Acabando esta contenda,
Sua merenda tão bella,
Disseram sem mais cautela:
Façamos outra merenda
Domingo de Paschoela.

E ha de ser com tal partido,
Que havemos de enganar
Cada uma ao seu marido:
E quem melhor o zombar,
Ganhe sem mais ruido.

A outra foi contente,
Porque para enganar
Outra não podia achar,
Para isto mais diligente
Em todo aquelle logar.

Logo a comadre primeira,
Que isto quiz inventar,
Determinou enganar
O seu á segunda-feira,
Logo sem mais dilatar.

E tanto que anoiteceu,
Ordenou todos os seus tractos:
A agua toda escondeu,
E uma quarta encheu
De sujidade de gatos.

E depois de se deitar
O coitado do marido,
Escondeu-lhe o vestido,
Todo sem nenhum ficar,
Para fazer seu partido.

E querendo amanhecer,
Esta malvada comadre
Começou alto a gemer,
Fingindo querer morrer
Doente de dôr de madre.

Mostrando ter grande mágoa
Fez o marido acordar,
Dizendo-lhe: Ide buscar
Logo um pucaro de agua,
Porque me quero finar.

Por escusar mais batalha,
Foi-se o triste levantar,
Porém nunca pôde achar
Em casa pucaro ou talha,
Onde ella sohia estar.

Disse: Por certo, mulher,
Não acho pucaro, nem talha,
Aonde ella sohia ser;
Não sei, assim Deus me valha,
Quem nol-a foi esconder.

Disse ella: A morte me toma,
Que não posso já viver,
Da quarta, que fui encher,
Toma agua com a bocca,
Vinde-me dar de beber.

O triste sem suspeitar
A maldade dos contractos,
Tomou a quarta no ar,
Encheu a bocca, e o paladar
Da sujidade dos gatos.

Disse-lhe: Olhai cá mulher,
O gato da nossa Martha,
Que o demo cá foi trazer,
Sujou toda esta quarta
Que tinhas para beber.

Disse ella com grande magoa:
Estou doente desde hontem,
Ide laval-a á fonte,
E trazei-a cheia d'agua,
Antes que a morte me affronte.

O coitado do marido
Correu por toda a pousada,
E não achando vestido,
Foi sem camisa, despido,
Por contentar a malvada.

Como tinha ordenado
O que havia de fazer,
Esta enganosa mulher
Fez um homem amortalhado
Natural ao parecer.

E vendo o marido entrar,
Como mulher mui arteira,
Começou de o pentear,
Dizendo d'esta maneira,
Como agora quero contar.

Dizia: Amor verdadeiro,
Quem vos matou tão azinha?
O' meu marido, e meu bem,
Que em estar de vós apartada
Triste vida me convém.

Viuva, desamparada,
Que farei só sem ninguem?
O meu marido, e meu bem,
Que em estar de vós apartada
Triste vida me convém.

O coitado do marido,
Doido peior que sandeu,
Nú, como quando nasceu,
Ficou como entontecido
Quando viu o pranto seu.

Disse: Pois não sou finado.
Porque me carpes, mulher?
Por certo não posso crêr
Senão que venho errado;
O demo me fez erguer.

E cuidando não ser sua,
A casa onde elle estava,
Despido assim como andava,
Tornou-se outra vez á rua
Com a quarta que levava.

A mulher que o viu tornar,
Desfez o que feito tinha,
Depressa, e muito azinha
Se tornou logo a deitar,
Mostrando-se mui mesquinha.

E o coitado paciente
Todo o logar foi correr;
N'isto veio a amanhecer,
Sahindo de casa a gente,
Começou de se benzer.

E vendo-o assim andar,
Com a quarta ao pescoço,
Com o mais que quero calar,
Começaram de o apupar,
E fazer grande alvoroço.

Com gran somma de apupada
Tanto o fizeram correr,
Até dentro o metter
Mui corrido na pousada,
E doente para morrer.

A mulher, com riso e pranto,
Sem poder dissimular,
Começou-o a deshonrar,
Que, porque tardára tanto,
Deixando-a para expirar.

O marido lhe contou
O que lhe acontecera:
O que ella muito folgou,
Dizendo: Eu sei quem ganhou
A merenda que se espera.

O coitado do marido
Contou como o escarnecera,
E da agua que bebera,
E mais como o fizera
Pela rua andar despido.

A outra tinha o marido
Feito á sua vontade
D'ella, como está sabido,
Porque era tão entendido
Como um asno de Alvalade.

Vendo-o de fóra chegar,
Disse-lhe: Embora venhaes,
Alviçaras me haveis de dar,
Que El-rei manda que sejaes
Duque em este logar.

Se assim houver de ser,
Em verdade minha filha,
Que vos hei de dar mulher,
Uma'saia de palmilha
Para esta festa trazer.

Para escusar a batalha,
El-rei vos manda levar
Um vestido de folgar,
E uma corôa de palha,
Feita á feição de alguidar.

E logo aquella má peça
Pediu a um seu parceiro
Um vestido de gaiteiro,
Com a corôa na cabeça,
Maior que um grande sombreiro.

E por que mais lhe apupassem
Deitam castanhas piladas
A quantos moços achassem,
Que as costas lhe quebrassem
Com somma de laranjadas.

Com uma gaita na mão,
Tangendo sem descançar,
Assim o mandou entrar
Na igreja de São Gião,
Um pedaço do logar.

E em saindo da pousada,
Saltaram os moços com elle,
Deram-lhe tal surriada,
Que com muita laranjada
Fizeram mau pezar d'elle.

Cachopos, quereis-me deixar?
Que a mim chamam Dom Gião,
Duque de todo o certão;
Mandar-vos-hei açoutar,
Se me pozerdes a mão.

E os rapazes damninhos
Não deixaram de atirar,
Porque os mais eram visinhos,
Fizeram-lhe mau pezar
Nas costas e nos focinhos.

E de tal sorte correram
O coitado do villão,
Taes escarneos lhe fizeram,
Que com grande furia o metteram
Na Igreja de São Gião.

E tanto que entrou na Igreja
Todo de gente cercado,
Disse elle ao cura honrado:
Esta gente tem-me inveja,
Porque sou duque ordenado.

Disse-me minha mulher,
Que sou duque do certão,
Maior d'el-rei D. João:
E logo, se Deus quizer,
Me haveis de beijar a mão.

Eu lhe tenho mercêa
Por me fazer duque assim,
E a esta gente ruim
Chimpal-a-hei na cadêa,
Porque escarnece de mim.

E os padres que alli estavam
Quando assim o viram entrar,
Tal riso lhe fez tomar,
Que a missa que celebravam
Não a podiam cantar.

E logo sem mais demora,
Não podendo dizer missa,
Vendo a negra cobiça,
Fizeram-n'o deitar fóra
Da Igreja por justiça.

E tanto que o viram fóra
Não se fartando de rir,
Tornaram-n'o a sacudir,
Que o espaço de meia hora
Era causa para rir.

Outra vez ás laranjadas
O fizeram recolher,
E a malvada da mulher
Dava tão grandes risadas,
Que era espanto de vêr.

Armou-se grande contenda
Sobre isto no logar,
Não vol-o posso contar,
Pois quem ganhou a merenda,
Vós o podereis julgar.

Se em Therencio lêr quizerem,
Acharão estes extremos
Aquelles que bem o lerem:
Quando queremos, não querem,
Querem quando não queremos.

Volve-se o seu intento
Como as aves do ar,
E segundo em ellas sento,
Nunca tem o entendimento
Sempre posto em um logar.

Bellas cousas, que ao presente
Agora vamos contar,
Posso mui bem affirmar,
Que será pouco prudente
Quem com ellas conversar.

Para todo o que souber
A traça que ha nas mulheres,
Não as ha-de querer vêr,
Senão sempre aborrecer
A ellas, e seus prazeres.

Dizia Cicero mui capaz,
No livro da Amicicia:
Firmeza em nenhuma jaz,
Mas antes todas são más,
Cheias de toda a malicia.

Diogenes as'pregoa,
Ovidio outro que tal,
Dizem todos em geral:
Não ha nenhuma tão boa
Em que não haja algum mal.

Muitos auctores em summa
Publicam bem com razão;
Em um livro da descripção
Dos sete sabios de Roma
Podeis vêr quem elles são.

Sete qualidades tem,
Porque nasceram com ellas,
Que casal-as não convém,
As quaes direi por item,
Porque todos fujam d'ellas.

Na Igreja as verão estar
Quietas e authorisadas,
E diabos nas pousadas,
Manhosas no praticar,
Por onde são mais malvadas.

Bufos nas janellas ufanas,
Pegas palreiras á porta,
São umas cabras na horta,
E enfadamento na cama,
Mal que ninguem não comporta.

No que digo podeis vêr
Ser a mulher imperfeita;
No Genesis podeis lêr,
Onde Deus a mandou ser
Ao homem sempre sujeita.

Tem muitas tão pouca fé,
Por ter no mundo os sentidos,
Que vemos (e assim é)
Que tratam os seus maridos
Como negros de Guiné.

É já cousa tão commum,
Que os homens pisam c'os pés,
São tão feitas ao revez.
Se os maridos dizem uma,
Ellas lhes respondem dez.

Ha ahi homens tão soffridos,
E mulheres tão malvadas,
Que quando estão agastadas
Pellam as barbas aos maridos
E os moem a pancadas.

Ha ahi mulher tão singella
Que se ao lume põe o comer,
Chama outra tal como ella,
Comem as sopas da panella,
E o mais que está a cozer.

E quando vem o marido,
Ou da roça ou do matto,
Ou d'outro qualquer partido,
Por escusar arruido,
Diz que o comeu o gato.

Cuidando que era verdade
O coitado como pêco
E ella por maldade,
Faz-lhe comer o pão secco
Mui contra sua vontade.

Um homem em Roma havia
Que se algum filho casava,
Publicamente chorava,
Porque escravo o fazia
Da mulher a quem o dava.

Se casava a filha rica,
Quando alguem lhe perguntava,
Alegremente dizia:
Que um escravo comprava,
Que seu captivo seria.

O homem que agora casa,
Sempre captivo ha-de ser
Da que lhe dão por mulher;
E ella ha-de ter em casa
Quem lhe ganhe de comer.

E pois que a liberdade
E' preço que não tem par,
Senhor esta é a verdade,
Que me não quero casar,
Porque não tenho vontade.

Vosso conselho mui são
Não cura minha ferida,
Perdoai-me, meu irmão,
Pois sabes que sujeição
Encurta os dias da vida.

PARECENÇA DAS MULHERES

Parecença com a raposa
A mulher, por natureza,
É parecida á raposa,
Disfarçada, surrateira,
Refalsada, astuciosa.

Com a gata
É parecida a mulher
A' gata, nas caramunhas;
Quem mais afagos lhe faz,
Mais sente o rigor das unhas.

Com a grimpa
É parecida a mulher
A' grimpa nos seus intentos;
Dura pouco em ponto fixo,
Vira com todos os ventos.

Com a balança
É parecida á mulher
A' concha d'uma balança;
Pende sempre para a banda
D'aquelle, que mais lhe lança.

Com o pavão
É parecida a mulher
No lindo rabo, ao pavão:
Quando fôfa dá ao leque
Com peralta presumpção.

Com o furão
É parecida a mulher
Ao vivo furão ligeiro;
Um desentoca o coelho,
Outra, da bolsa o dinheiro.

Com o falcão
É parecida a mulher
Ao desabrido falcão,
Que depenna o miseravel
Que lhe vai cahir na mão.

Com a macaca
É parecida a mulher
A's caricias da macaca:
Que faz a todos momices
E morde em todos, velhaca.

Com a aranha
É parecida a mulher
A' falsa, cruel aranha;
Que arma fios, rêdes e laços,
Onde os incautos apanha.

Com a vibora
É parecida a mulher
A' vibora no seu effeito:
Que morde, envenena e mata
A quem a mette no peito.

Com o fumo
É parecida a mulher
Do fumo á exhalação:
O seu pensar, seu amor,
E' de pouca duração.

Com a mula
É parecida a mulher
A' falsa matreira mula:
Quem não quizer levar coices,
Nas mataduras não bula.

Com a lua
É parecida a mulher
A's varias phases da lua:
Tão depressa nasce e cresce,
Tão depressa enche e mingua.

Com o mangericão
É parecida a mulher
Ao verde mangericão:
Tocado de leve, cheira;
Féde, apertado na mão.

Com a maçã
É parecida a mulher
A' maçã, que tem mau centro;
Que muito linda por fóra,
E' muito podre por dentro.

Com a hera
É parecida a mulher
A' hera, que o tronco aferra;
Que traidoramente o abraça
Só para o lançar por terra.

Com o bazilisco
É parecida a mulher
Ao bazilisco, na vista,
Que mata em quem fita os olhos,
Sem haver quem lhe resista.

Com a borboleta
É parecida a mulher
A' borboleta inconstante,
Que pousa em todas as flores
Em motu-continuo errante.

Com a abelha
É parecida a mulher
A' abelha no prato ameno,
Que tem o doce na bocca,
E tem na lingua o veneno.

Com o diabo
É finalmente a mulher,
Ao diabo parecida,
Puxado pela barbella
Traz o homem toda a vida.

A MALDADE DAS MULHERES

Vou ao som da minha lyra
Cantar com sinceridade
As ratices e fraquezas
Da infeliz humanidade.

Queria um ratão casar-se;
Tendo então consultado
Um seu amigo sincero,
Homem n'isto illustrado,

Expõe-lhe o seu intento
Com toda a circumspecção;
Ao que respondeu logo
Com a seguinte expressão:

Eu não digo que seja mau
Esse estado de casado;
Mas reger mulher e filhos
Ahi torce a porca o rabo.

Caro amigo, attenderá
Ao que eu lhe vou expôr,
E de tudo o que eu disser
Vá escolhendo o melhor.

O casar n'este seculo
E' uma triste loucura,
Porque vai o homem cavar
Sua propria sepultura.

A mulher mal é senhora
Da sua cara metade,
Sempre quer ser adornada
Com muita sumptuosidade.

Em quanto o pobre marido
Mui contente assim obrar,
Mil afagos e carinhos
N'ella sempre ha de encontrar.

E mal chegam os annos
Da senhora Dona Rita,
Quer á dita funcção ir
Com toda a pompa inaudita.

Eil-a de traz do marido,
Pedindo sem compaixão,
Um rico vestuario
Para tão bella funcção.

Logo entra o pobre revendo
Livros de deve e de haver,
Para vêr se da consorte
Póde o gosto satisfazer.

Acha a sua situação
Muito emfim atrapalhada:
Diz-lhe que p'ra dita funcção
Não é possivel dar nada.

Pois bem sabe que os negocios
Se acham paralysados,
E que os seus para os credores
Se acham bem alcançados.

Homem, tu que disseste?
Pois assim que tua esposa
Ouvir as tuas palavras
Se torna furia raivosa.

Pragas mil então dirige
Contra o pobre do marido,
E mil sarcasmos sem conta
Com um furor desabrido.

Para que casou commigo,
Se me não ha de tractar
De maneira que eu podesse
Com as outras hombrear?

Seu patife, seu maroto,
Você anda amancebado!
Por isso já me não tracta
Com amor idolatrado.

Eis a razão da sua vida
Estar damnificada,
E não por o que lhe peço,
Que isso não vale nada.

Porém, eu protesto e juro,
Se descobrir minha rival,
Enchel-a de bofetadas,
E cravar-lhe agudo punhal.

A isto, prantear fingindo,
Seguiu-se um faniquito,
Que poz o triste consorte
Consternado e afflicto.

Foi preciso, para obstar
Esta grande trovoada,
O marido animal-a
Como a criança enraivada.

Vá-se d'aqui, seu traidor,
Ella diz inda chorando,
Cruel, que me despresa,
Tendo-o eu amado tanto!

Mas se não dá o que peço,
Póde estar já na certeza
Que arranjarei quem m'o dê,
Pois inda tenha belleza.

Emfim á vista do exposto,
Não tem remedio o marido
Senão dar-lhe o que ella quer
P'ra não ser escarnecido.

Eu agora lhe contarei,
Amigo do coração,
Dois factos, com que termino
A minha declamação:

Uma dama outr'ora havia,
Sem o marido saber,
Costumava com um frade
Varias vezes s'entreter.

Estando n'uma occasião
Nos colloquios amorosos,
Rapido chega o marido;
Que terror para os criminosos!

O frade apressadamente
Fugiu por uma janella,
Até os calções deixando
Pendentes da cama d'ella.

Entrou o pobre marido
Sem dar com a empreitada,
E a consorte lhe apparece
Alegre e muito córada.

Mil afagos e carinhos
Ella dirige ao marido,
Pois a mulher criminosa
Se faz um ente querido.

Por acaso olhou o esposo
Para o leito nupcial,
E diz, irado á consorte:
De quem é adorno tal?

Ella então, triste, chorando,
Lhe respondeu affectuosa,
Eu te vou contar, marido,
Minha sorte desditosa:

De São Pancracio os calções
São estes, caro marido,
Que me trouxe frei Antonio
Servo de Deus tão querido.

Pois, pelo cruel demonio,
Eu me vi mui atacada,
Que por pouco não findava
Minha vida delicada.

E vendo este servo de Deus
A minha grande tristura,
Com essa reliquia findou
Minha grande amargura.

Agora que já estou boa,
Deves, marido sem par,
Levar a frei Antonio
A reliquia singular!

O homem acreditou
Esse fingido aranzel,
Sentindo no coração
O mal da esposa infiel.

Ainda o sincero consorte,
Cheio de veneração,
Foi levar a frei Antonio
O venerando calção.

Tambem houve outra dama,
Que muito mêdo mostrava
Quando os ratos rugiam
Na casa onde ella morava.

O innocente marido
Mil vezes a desvanecia
Do medo tão maluco
De que a gente escarnecia.

A isto respondia logo:
Ah! não, querido esposo,
O medo não perco aos ratos
Por um acaso desastroso:

Foi comida uma criança
De uma antiga visinha
De meus paes sempre queridos,
Por essa féra damninha:

Desde então esta lembrança
Tal susto me tem causado,
Por mais que queira não posso
Perder o susto malvado.

De sorte que o marido,
Quando á noite ella queria
Dar allivio á natura,
Sem cessar bulha fazia.

Do grande estrondo incessante
D'uma vez já mui cançado,
Saltou abaixo da cama,
Correu para ella apressado.

P'ra ver da muita demora
Qual era o justo motor,
E com infinito pasmo
Ficou cheio de pavor.

Não eram as ratazanas,
Era um mui grande ratão,
Que na testa do marido
Lhe punha feia armação.

Com o castiçal lhe atira,
Ficando tudo ás escuras:
Acudam, grita o marido:
Matem estas creaturas!

Ladrões, que me tiraram
A honra, e meu bem-estar!
Porém, o ratão fugiu
Antes de gente chegar.

Acudiu toda a familia,
Julgando serem ladrões,
Pois até a mulher gritava
Entre crueis afflicções.

A esta infeliz, quem acode!
Que por pouco não morria
A's mãos do cruel malvado,
Que suffocar-me queria!

E emquanto a luz não vinha,
A cara, braços e peito
Arranhou terrivelmente
P'ra do mal mostrar o effeito.

O marido mui confuso
Do pranto que ella soltava,
Mais abysmado ficou
Quando a luz então chegava.

Contemplou cheio de pasmo,
O estado da consorte:
E ficou mui consternado
Ao vêl-a d'esta sorte.

Ella então triste, chorando,
Lhe dizia consternada:
Se não vens, oh caro esposo,
Eu seria assassinada!

E depois d'esse assassino
Esse crime commetter,
A' minha cara familia
Havia o mesmo fazer.

Ella abraçou o consorte
Com amor, e com ternura,
Protestando amal-o sempre
'Té junto da sepultura.

Compadecido o consorte,
Innocente vendo a esposa,
Infinitos perdões lhe pede
Por a julgar criminosa.

Irra, diz então o amigo,
Com tão grande logração,
Eu já não quero casar-me,
Por temer igual traição!

A MALICIA DOS HOMENS

Minha querida mana,
Eu tambem quero casar,
Pois vejo quanto és feliz
Em tal estado tomar.

Vejo o teu caro consorte
Adorar-te com ternura,
E procurar sempre em tudo
Alegrar tua tristura.

E emfim a mulher terá,
No seu tão querido esposo,
Quem a defenda e ampare
N'este mundo revoltoso.

Portanto, querida mana,
Mana do meu coração!
Espero teus bons conselhos
Á minha deliberação.

Ah! quanto estás enganada,
Minha mana tão querida!
Tu julgas por apparencias;
Sê n'isto mais reflectida.

Vêde, mana, que ides tomar
Uma carga mui pezada,
Mil vezes darás ao demo
Esta vida desejada.

E' preciso que tu saibas,
Que não é só o casar;
Deves aturar o esposo,
E teus filhos educar.

Cuidares na tua casa
Com esmero e com primor,
Zelar o bem do consorte
Como sendo teu senhor.

E nem assim alcançarás
D'elle seres mais querida.
Pois soffrerás mil affrontas
Quando mal lhe fôr a vida.

O dinheiro esperdiçando
Em moças e mais jogar,
Pouco importa que a mulher
De fome esteja a estalar.

E depois d'elle então vêr,
Sua vida atrapalhada,
Mil pragas roga á consorte,
Sem culpa ter a coitada.

Alta noite se recolhe;
Se n'isto falla a mulher,
Responde, todo enfadado:
Hei de vir quando quizer.

Se julga que hontem foi tarde
Quando então me recolhi,
Amanhã virei mais tarde,—
Do nosso pranto se ri.

O homem, qual tyranno,
Pune com severidade
As faltas da consorte,
E as suas sem punidade.

Não quer que a sua mulher
Jámais lhe seja infiel;
E elle sempre quer sêl-o,
Qual um tyranno cruel!

Eu agora te vou contar
O que fez certo marido
A' sua pobre consorte,
Que não perco do sentido.

Estava a mulher doente,
E n'esta má situação
Andava com sua serva
Em amorosa paixão.

Lá lhe deu em certa noite
Signal convencionado
Para ella gritar a fogo
No instante já marcado.

Então, por essa alta noite
Começa a criada a bradar:
Aqui d'el-rei! quem m'accode!
Fogo me quer devorar!

A desfallecida esposa,
Cheia d'horrivel confusão,
Quer fugir da triste cama,
E não a deixa a situação.

Elle então diligente
Lhe assegura logo, logo,
Que socegue e descance,
Que elle vai apagar o fogo.

Deixou a pobre consorte,
Subiu ligeiro a escada,
Para ir apagar o fogo
D'essa maldita criada.

A esposa gritava afflicta:
Não ha perigo marido?
Não tenhas nenhum receio,
Está quasi extinguido.

Terminou sua maldade
Com a maior ousadia:
Tornou p'ra junto da esposa,
Que d'isto nada sabia.

Carinhosa lhe agradece
O saber que n'isto empregou;
Pois em tudo foi efficaz,
E de tanto susto a livrou.

Assim o traidor continua
Até a consorte findar,
P'r'o maroto sem vergonha
Com ella emfim se casar.

Houve outro, que loucamente,
Mui namorado andava,
Por uma sua visinha,
Que incessante louvava.

A esposa mortificava
Com immensas gabações
Que dizia da visinha
Nas seguintes expressões:

Oh! quanto é linda moça!
Que bellas pernas que tem!
Tão gordas e bem feitas!
Como ella, não ha ninguem.

A triste consorte afflicta,
Pois via a sua riqueza,
E a visinha era mui pobre,
A'vante iria a vileza.

Tirou-se dos seus cuidados,
A visinha foi procurar,
Pediu-lhe para a seu homem
Infindo agrado mostrar.

Expoz-lhe a sua tristeza,
Expoz-lhe a sua amargura,
Que então cural-o devia
Com uma gran travessura.

Que em paga de tal serviço
Lhe daria protecção,
Para jámais da miseria
Soffrer cruel vexação.

Oppoz-se-lhe a visinha,
Pois era mulher honrada:
Mas a esposa a convenceu,
Do que ficou socegada.

Diz-lhe que assim que o consorte
Lhe fallasse em lá entrar,
Que sim, mas seja de noite,
Para ninguem murmurar.

E lhe désse parte logo
D'essa noite mencionada,
Que ella para lá iria,
E não soffreria nada.

Eis tudo acontece então
Como a consorte julgava;
E a visinha conclue tudo
Como a esposa indicava.

Certificada a consorte,
Para casa d'ella passou
Logo que foi occasião
Em que o tal melro abordou.

A mãi da visinha sahiu
Ao encontro do marido,
E diz-lhe muito baixinho
O que se segue, ao ouvido:

Ella sempre foi em tudo
Uma mulher recatada,
Só se rende aos seus amores
Estando a luz apagada.

Seja lá como quizer,
Pois, sim, sim, diz o traidor,
Então vou avisal-a
De que está aqui o senhor.

Póde entrar, lhe diz a mãi,
Ella está junto da cama;
Elle entrou muito ufano,
Chamando por sua dama.

Logo a mulher lhe responde
Com voz muito assucarada,
E o traidor a beija e abraça,
Não sabendo a patuscada.

Louco d'amor então lhe diz
No excesso da sua paixão:
Isto é que são attractivos,
Os de minha mulher não!

Depois que sua maldade
Emfim elle consummava,
Pagou bem a sua mulher,
Julgando ser quem amava.

No dinheiro recebido,
E com suas expressões,
A consorte lhe dirige
Mui terriveis mangações.

Sabendo elle emfim tudo,
Sua visinha odiou,
E a mulher reconhecida
Sem cessar a premiou.

Aqui tens, ó minha mana,
Aqui tens toda a verdade:
Agora segue o teu par'cer.
Segue emfim tua vontade.

Basta, minha cara mana,
Basta com a maroteira;
Vão ao demo que os ature,
Antes quero estar solteira.

FIM

alogo d'algumas obras que se vendem na Livraria Civilisação, ardo da Costa Santos, rua de Santo Ildefonso, 4 a 6—Porto

	AVULSO
Alphabetos	20
Taboadas pequenas	20
« de 48 paginas	40
« de 67 « com syst. metrico	60
« de 104 « « «	100
Os dois poetas	120
Concilio das quatro estações	100
Manoel e Maria	80
Belmiro, cantor do Douro	100
Mocho e cuco	100
A velha louca e o creado tonto	100
Rapoza e ouriço	100
A velha tia e a sobrinha	100
O baile d'entrudo	120
O noivado do sepulchro	20
As botas de sete leguas	40
Historia do infante D. Pedro	40
« do Carlos Magno	40
« de João de Calais	40
« do Gato de botas	20
« dos 3 corcovados de Setubal	40
« da Imperatriz Porcina	40
« de D. Ignez de Castro	40
« da Princeza Magalona	40
« da Donzella Theodora	40
« de Bertholdo	60
« de Bertholdinho	60
« de Cacasseno	60
« de Cosme manhoso	40
« do grande Roberto	40
Nova Castro (D. Ignez de)	100
Entretenimento á infancia	100
Margarida Cisnero	20
A B C dos amores	20
Dois fidalgos estudantes, ou Cornelia de Bolonha	40
A victima da inquisição	40
D. Francisca do Algarve	40
Tragedia do marquez de Mantua	60
Farça, o velho louco	60
Malicia das mulheres	40
Farça, o peralta malcreado	40
Contos de fadas	60
Auto da muito dolorosa Paixão de N. S. Jesus Christo	60
Auto do dia de Juizo	40
Auto de Santo Aleixo	40
Auto de Santo Antonio	40
Auto de Santa Barbara	40
Auto de José do Egypto	80
Auto de Santa Genoveva	40
Arte de curar bois, vaccas, bezerros e outros animaes, etc	60

	AVULSO
Testamento da mulla	20
» do burro	20
» do boi	20
» do porco	20
» da cabra	20
» do cão	20
» do gato	20
» do carneiro	20
» do coelho	20
» do gallo	20
» da gallinha	20
» do perú	20
» do rato	20
» de Manoel Braz	20
Adão e Eva no Paraizo	60
O menino da matta e o seu cão piloto	100
O menino perdido	100
Tristes queixumes d'um pintasilgo	10
Motes, decimas e glosas	100
Puras verdades d'um soldado	40
A vivandeira e os banhos do mar	20
A velha, a pulga e o piolho	20
A amisade de dois amantes	20
O amante despresado	20
Adeus d'uma pobre mãe a sua filha nas agonias da morte	20
Mandamentos da falsa liberdade	20
Fadinho portuense	20
Diàlogo entre um cavalheiro e uma pastora	20
Segredos de tarimba	20
Effeitos da pinga	20
Um sôcco para sete	20
Cartas amorosas	120
Conselhos d'uma creada	20
Conselhos d'um fidalgo feito á pressa	20
A desgraçada Jacintha	10
O maltez enamorado	20
Decimas do lameira ao dia de juizo	60
Vida de Santa Izabel	20
Orações do Justo Juiz	10
» mulher das montanhas	10
» Senhora do Monserrate	10
» Carta milagrosa	10
» Decimas da serra d'Ossa	10
» Palavras santissimas	10
» Em nome de Deus, Amen	10
Poesias do Nabiça para serem cantadas ao desafio	40
Poesias grandes do Nabiça, a sagrada escriptura cantada em verso	100
Novas canções amorosas ou os amores de cupido	100